

# JORNADAS TEMPLÁRIAS PARA O CONHECIMENTO ECUMÉNICO

## “QUINTO IMPÉRIO E A SAUDADE DO FUTURO”

EDUARDO AMARANTE

LAGOS, 29 DE FEVEREIRO DE 2020

Não há dúvida de que o português foi talhado para as grandes causas e o gene luso encontra a sua expressão mais autêntica na aventura de carácter universalista que se estende muito para além das fronteiras da Europa. O torrão lusitano atrofia-o e a Europa é demasiado pequena para ele. Por isso, é grande nas grandes descobertas e, nos tempos actuais, estas traduzem-se no conceito de Quinto Império, que é a terceira parte da missão iniciada pelos templários e que ainda falta cumprir. Este Quinto Império significa, antes de mais, a prevalência:

- Do Espírito sobre a Matéria;
- Da individualidade consciente sobre a massificação;
- Da identidade própria sobre a globalização;
- Do respeito sobre a anarquia;
- Da liberdade de expressão e de pensamento sobre a intolerância redutora.

No poema Infante, Fernando Pessoa escreve:

“... Deus quis que a Terra fosse uma / que o mar unisse já não separasse...”

O homem português, respondendo a um impulso missionário e a um cíclico e imperioso apelo da História, lançou-se no empreendimento marítimo como súbdito do Quinto Império. Este tem uma única finalidade: o ideal da união fraterna e espiritual entre todos os homens da Terra, independentemente da raça e do credo, para a construção de um mundo novo e melhor.

### A RELIGIÃO DO QUINTO IMPÉRIO

A Dinastia de Avis – segundo o cronista Fernão Lopes –, professava a religião do Quinto Império, ou Império do Espírito Santo, “na ascensão da letra dos Evangelhos e dos Actos dos Apóstolos para o Espírito que os transcende.”

A expansão portuguesa, primeiro para o norte de África, e depois para o Sul e Oriente tinha em vista uma aproximação de culturas e religiões numa base ecuménica de tolerância e respeito mútuos. Prova disso é o facto histórico de, após a conquista de Tânger por D. Afonso V, ter sido a mesquita local consagrada ao Espírito Santo, numa inequívoca demonstração de reconciliação ecuménica, uma vez que o Espírito sopra em todas as religiões.

Com efeito, um dos grandes objectivos dos cavaleiros da Ordem de Cristo, sob o comando do Infante D. Henrique, era a procura ou demanda do Reino do Preste João das Índias, encarnação material do almejado reino espiritual a estabelecer sobre a Terra.

Para os Reis e Príncipes de Avis estaria destinada a missão de unir o Oriente e o Ocidente através de uma aliança “que contribuisse decisivamente para fazer

de todo o mundo um Reino do Preste João, como Imperador do Espírito Santo”. O próprio Fernão Lopes acreditava que a geração de Avis fora convocada a realizar a profecia de Cristo em Ourique, quando se dirigiu a D. Afonso Henriques, dizendo-lhe: “... em ti, e tua geração, quero fundar para mim um Reino, para cuja indústria será meu nome notificado a gentes estranhas.”

#### A ALIANÇA ENTRE AS CASAS DE BORGONHA E DE AVIS

Foi dentro do espírito ecuménico – de que a Demanda do Preste João era a faceta visível – que Jorge, o embaixador do Négus da Abissínia esteve em Lisboa em 1451, a convite de D. Afonso V. Após permanecer um tempo na capital portuguesa, foi enviado pelo Rei de Portugal a Filipe o Bom, Duque da Borgonha, seu tio pelo casamento com D. Isabel de Avis (filha de D. João I e de D. Filipa de Lencastre).

Este matrimónio é de uma importância ímpar na história de Portugal, pois restabelece a aliança entre as Casas de Borgonha e de Avis, permitindo a prossecução dos fins para que Portugal foi pensado e criado, sob a inspiração de S. Bernardo de Claraval, um dos filhos da Borgonha.

Com um outro de seus filhos, D. Afonso Henriques, Portugal encetou o cumprimento da primeira das três missões a realizar. Com esta nova (ou renovada) aliança, Portugal abria as portas da Gália/Germânia, mediante as enfunadas velas da Cruz de Cristo, ao pleno desempenho da sua segunda missão e à tentativa da consumação do Quinto Império, ou terceira missão. “O homem põe e Deus dispõe”; entendeu a Providência que não era ainda chegada a hora para que tal se concretizasse.

É no ano de 1467 que D. Isabel de Avis, Duquesa de Borgonha e de Brabante, perde o seu marido, Filipe o Bom, e em que o seu filho, Carlos o Temerário, se torna senhor do mais rico ducado da Europa. Este último, agora Duque de Borgonha e de Brabante, era primo direito de D. Afonso V e neto de D. João I. Desde D. Isabel e seu filho Carlos o Temerário que correu sangue português na Casa de Borgonha, como in illo tempore, ou seja, nos tempos da fundação de Portugal, correrá nos nossos primeiros reis e seus descendentes.

A Duquesa Isabel – última sobrevivente da Íncrita Geração – e seu filho Carlos o Temerário selaram a união no mesmo destino das Casas de Borgonha e de Avis, representadas como irmãs no famoso Político atribuído a Nuno Gonçalves.

#### MAS, AFINAL, QUEM É O PRESTE JOÃO?

O Preste João, ou Presbítero João, é, na verdade, uma linhagem de soberanos iniciados do Oriente, pelo que o seu nome designa, não uma pessoa, mas uma função, tal como Menes no Egipto, Manu na Índia, Quetzalcoatl no México, Viracocha no Peru, etc.

A Igreja do Preste João, procurada incansavelmente pelos portugueses de quinhentos na sua demanda, é a mesma Igreja de João ou Igreja do Espírito

Santo, pois o próprio nome deste Imperador-Pontífice – que reunia em si o poder temporal e o poder espiritual, à semelhança dos faraós iniciados do antigo Egito – reporta-nos para o legado espiritual de S. João, autor do Evangelho do Espírito Santo e do Apocalipse.

A ideia do Preste João ou do Imperador encoberto na sua auréola mítica e enigmática, constitui um arquétipo do que virá a ser o Sebastianismo, no sentido da restauração da pátria usurpada, como também da regeneração de um ideal associado ao Quinto Império. Ao concretizar, no devido tempo, o projecto áureo do Império do Espírito Santo, Portugal cumprirá a missão até então inacabada.

### PRODÍGIOS IMPENSÁVEIS...

Poucos homens, mas determinados e convictos, operam prodígios impensáveis ao comum dos mortais. E esses homens existiram em Portugal no passado e voltarão a existir no futuro.

Para se ter uma pequena ideia da arte e do engenho de com pouco fazer-se muito – lema esse que percorreu toda a gloriosa História de Portugal -, assinalamos aqui que, com a extinção da Ordem dos Templários e a passagem dos seus cavaleiros para a nova milícia, baptizada Ordem de Cristo, esta contava em 1326 o impressionante número de 86 freires, sendo 71 cavaleiros, 9 clérigos e 6 serventes. Foi a partir do ano seguinte, já no mestrado de D. Martim Gonçalves Leitão, que os Cavaleiros de Cristo começaram “brilantemente a sua vida gloriosa com feitos notáveis alcançados sobre os mouros e que tanto contribuíram para o alargamento de Portugal.” Há a salientar que no período áureo dos Descobrimentos, o número de Cavaleiros não era muito mais dilatado.

### ORIGEM DA SAUDADE NA ALMA PORTUGUESA

Para o general João de Almeida, a origem primitiva da raça portuguesa descendia dos sobreviventes da raça atlante, cuja última parte do continente (a Atlântida) foi engolida pelas águas do Atlântico aquando do último grande dilúvio da humanidade ocorrido há cerca de 11.500 anos.

Segundo tradições antigas, os atlantes ou os seus descendentes, após este grande cataclismo, teriam deixado em todo o Ocidente, não muito longe da costa, sinais escritos e construções megalíticas que coincidiam com linhas, caminhos ou vias, legando dessa forma uma indicação e, sobretudo, um ensinamento que, mais tarde, veio a ser descoberto e interpretado pelos druidas que, instruídos nessa via, puderam assim utilizá-lo. Esse conhecimento terá sido legado, posteriormente, à Ordem de Cister e, através dela, aos Cavaleiros da Milícia de Cristo, isto é, aos templários.

Fazendo fé nesta antiga tradição, a “raça portuguesa” teria um fundo atlante que seria anterior a todas as posteriores invasões e migrações territoriais. A este propósito, escreve o mesmo autor:

“O sentimento da existência da Atlântida nunca se perdeu, ele esteve sempre na memória dos lusitanos e perdura ainda na alma dos portugueses.”

Tratar-se-ia do inconsciente colectivo que actua na alma, no modus operandi do povo português. Essa reminiscência do continente perdido no fundo do Atlântico (que deu origem ao mito do Dilúvio e da Arca de Noé) explicaria o carácter marítimo e expansionista dos portugueses, da alma lusa. E isto porque o seu inconsciente colectivo impele-os para a busca da aventura rumo ao desconhecido, como que à procura de algo que está para além da memória, alimentados pela eterna saudade do que foi e do que será. Por mais paradoxal que seja, o português não encontra estímulos no tempo presente; é no passado (na nostalgia das origens, na saudade) e no futuro que ele se move, buscando nessa fonte a barca do seu destino e a força do seu génio.

#### A SAUDADE DA IDADE DE OURO

Segundo os Anais arcaicos do Oriente, nas últimas épocas da Atlântida, na fase que precedeu a sua queda e, com isso, a entrada da humanidade na longa noite da Pré-História, a religião natural ou sabedoria primitiva dividiu-se em dois caminhos: o da direita (magia branca) e o da esquerda (magia negra). Desde então, alternadamente, repartem entre si - ao longo dos ciclos históricos - o império do mundo.

(...) De acordo com o mito, em resultado da magia negra praticada pelos magos da Atlântida, Atlas (como agente de Némesis) desterrou Cronos (regente das idades do ouro e da prata) e entronizou no seu lugar Zeus, símbolo da geração e, conseqüentemente, da dor, da doença e da morte.

A Sabedoria foi, desse modo, ocultada pelos titãs, partidários da religião primitiva, que se refugiaram, nos últimos tempos da Atlântida, e por longos séculos, nas Ilhas Afortunadas, situadas no ponto mais ocidental do mundo.

(...) Tito Lívio fala-nos dos chefes tribais, entre os quais se contam os da comarca do Minho, Douro e Tejo, que dependiam dos imperadores da Atlântida (liv. XXVII, cap. XXX). Também Políbio canta as delícias desses paraísos turdetanos e tartéssicos, a sul do Tejo.

Santo Agostinho também refere, na sua obra *De Civitas Dei*, aquele paraíso: “Antes que se achassem na Hispânia os veios de ouro e de prata, as guerras não existiam. Muitos dos seus filhos se consagravam ao estudo da filosofia.

As cidades viviam seguras e tranquilas com santíssimos costumes (...) Não tinham os cidadãos pleitos entre si nem controvérsias...”

(...) Essa influência dos Titãs na Península Ibérica foi de tal modo impactante em tempos hoje considerados míticos, que os mais vetustos nomes ibéricos derivam todos de Titã ou Titânia. Assim, à luz da etimologia, podemos concluir que a palavra LUSITÂNIA conserva na sua raiz a reminiscência daqueles gloriosos tempos e, daí, a eterna SAUDADE lusa pela Idade de Ouro, Paraíso Perdido, e o nosso FADO, expresso na necessidade sentida do seu resgate, que se reflecte no nosso apurado e genético sentido de exploradores e de conquistadores, mediante a consumação do sonho atávico do 5º Império.

Lusitânia é, pois, ab origine, a Luz dos Titãs, portadores da Sabedoria da mítica e sempiterna Idade de Ouro, traduzida na lusa forma de sentir, na Saudade do futuro ou Império do Espírito Santo.